

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ZOOTECNIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**INTERAÇÕES ENTRE EXTENSÃO RURAL E AGRICULTURA
FAMILIAR: O TRABALHO NO CAMPO NA PERSPECTIVA DO
ASSISTENTE TÉCNICO RURAL**

LÁCIO DE ARAÚJO MEIRA

AREIA

2014

LÁCIO DE ARAÚJO MEIRA

**INTERAÇÕES ENTRE EXTENSÃO RURAL E AGRICULTURA FAMILIAR: O
TRABALHO NO CAMPO NA PERSPECTIVA DO ASSISTENTE TÉCNICO RURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Colegiado do Curso de Zootecnia no
Centro de Ciências Agrárias da Universidade
Federal da Paraíba, como parte dos requisitos
para obtenção do título de graduado em
Zootecnia.

Orientador: Prof. Cauby Dantas

AREIA
2014

LÁCIO DE ARAÚJO MEIRA

**INTERAÇÕES ENTRE EXTENSÃO RURAL E AGRICULTURA FAMILIAR: O
TRABALHO NO CAMPO NA PERSPECTIVA DO ASSISTENTE TÉCNICO RURAL**

Orientador: _____

Nome: Prof. Cauby Dantas

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Examinador: _____

Nome: Prof. Rosivaldo Gomes Sá Sobrinho

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Examinador: _____

Nome: Prof. Paulo César Géglio

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

AREIA, ____/____/____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Mainha e em memória da minha Tia Hertha.

AGRADECIMENTOS

Assistentes Técnicos que me receberam e contribuíram para esta pesquisa;

Profª Ludmila que tanto conhecimento e oportunidades me ofereceu;

Zootecnista Cecília Clarice por ter me ajudado com sua companhia e amizade;

Ao Mestre Cauby, por ter acolhido minha ideia;

Aos meus amigos que tanto me visitaram em Areia ou perguntaram se eu iria os ver no final de semana em João Pessoa;

À meu Pai e Mãe que me deram força pra estudar e também me visitaram;

À minha amada Lívia que tanto me mandou estudar mais um pouco.

Muito Obrigado a Todos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	10
3 MATERIAL E MÉTODOS.....	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

RESUMO

A Extensão é peça importante para a agricultura familiar por dar suporte em diversos âmbitos. Entender como esta funciona é municiar os futuros profissionais de informações para sua formação e, para os profissionais, é componente para moldar seu trabalho para melhor atender sua demanda.

Este trabalho objetivou avaliar as interações sociais na Extensão Rural na perspectiva do Assistente Técnico. A pesquisa é uma tentativa de entender como é feita a extensão rural e quais os seus mecanismos na região do Agreste paraibano.

A formação acadêmica é fundamental, mas por si só não é suficiente para preparar um profissional para o trabalho no campo. O convívio no meio rural é ferramenta fundamental para o assistente técnico rural tanto para que seus conhecimentos sejam ampliados ao deparar com a realidade do campo e do homem, quanto para o agricultor se adapte a sua presença.

Palavras-chave: Sociologia rural, extensão rural, formação acadêmica, interações sociais

ABSTRACT

The Rural Extension is important for family farmers ask for support in various areas. Understanding how this works is to equip future professionals for their training and information for professionals, is component for shaping their work to better meet your demand.

This worked aimed to assess social interactions in Agricultural Extension from the perspective of Technical Assistant. The research is an attempt to understand how the extension is done and what are its mechanisms in Agreste of Paraíba.

Academic training is essential, but by itself is not enough to prepare a professional to work on place. The living in rural areas is to rural technical assistant tool for both their knowledge will be expanded to face the reality of field and man, as the farmer to adapt to their presence.

Keywords: rural sociology, rural extension, academic achievement, social interactions

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para a pesquisa fixa-se na evolução tecnológica no campo que vem transformando o Brasil de dentro para fora, que teve seus moldes na cultura agrária desde os tempos coloniais do século XVI, e hoje o meio rural dispõe de avançados programas de agropecuária e formação de especialistas no desenvolvimento rural.

Juntamente com o progresso da tecnologia, no entanto, há certa dificuldade na transferência desta que é observado em algumas regiões, principalmente em lugares onde ocorre a cultura de subsistência ou agricultura familiar.

Os problemas acarretados por este fato deixam muitos agricultores familiares sem apoio para seu desenvolvimento, lançando-as à margem da sociedade rural e do comércio e colocando-as em dificuldades financeiras.

A falta de apoio para a produção de subsistência vem por parte, principalmente, de empresas privadas que visam o lucro máximo em um tempo mínimo, afastando-se assim de pequenos produtores. Por entidades públicas como Universidades, EMBRAPA e EMATER por pouca extensão e por reduzido número de funcionários para a demanda e pouca estrutura.

A falta de diálogo entre as partes, pequeno produtor e especialista, leva a dificuldades na produção de baixa escala, colocando o pequeno produtor em desvantagem comercial e impedindo-o de ascender social e economicamente.

As distâncias entre as partes pode se dá de diversas formas, sendo de caráter financeiro, cultural, por desinformação e até por desinteresse por parte da administração pública.

Os trabalhadores rurais que rejeitam pessoas especializadas podem argumentar que já exercem sua determinada atividade agropecuária há muito tempo e por isso não necessitam de auxílio:

No geral, debita-se na conta de uma suposta e nunca provada resistência das populações rurais para a mudança e a modernização a responsabilidade por esse desastre social. Essa resistência, ficou evidente, era resistência ao que para elas não tinha o menor sentido e não podia, portanto, ser compreendido (Martins, 2000).

Este trabalho consiste em uma tentativa de compreender como as interações entre a Extensão Rural e os Agricultores Familiares, como foram estabelecidas e como é dada sua manutenção com o intuito de revelar mecanismos, aberturas e entraves destas interações sociais. Pretendeu-se verificar a relação do assistente técnico rural para com os agricultores familiares.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A agricultura familiar é uma modalidade de produção amplamente espalhada pelo Brasil. O Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), define como um modo de produção onde prevalece a interação entre gestão e trabalho; são os agricultores familiares que dirigem o processo produtivo, dando ênfase na diversificação e utilizando mão-de-obra familiar e que pode ser complementado com trabalho assalariado de algum membro integrante.

A agricultura familiar é uma peça fundamental na movimentação da economia do Brasil gerando renda, induzindo a criação e aperfeiçoamento de tecnologias, etc. Pequenos produtores podem gerar lucros para uma camada de comerciantes e usuários rurais; ou para agroindústrias; ou para especuladores de terra (Almeida, 1986).

A nova agricultura, rica e tecnológica, rende lucros àqueles que podem ter e mantê-la. Já para os agricultores familiares, o modelo de trabalho que requer maiores recursos financeiros e mais energia pode acarretar em esquecimento e desprezo, juntamente com seus conhecimentos empíricos, lapidados, aplicados e repassados por gerações:

Na esfera do inatingível, esse modelo promoveu o desgaste e o abandono de antigas práticas culturais relacionadas ao manejo de produção; desvalorizou os saberes acumulados por incontáveis gerações de indígenas, caboclos e quilombolas; desqualificou os conhecimentos das comunidades tradicionais, colocando-os à margem dos sistemas simbólicos do mundo globalizado (FASE, 2008).

Involuntariamente a Sociologia Rural pregou a modernização agrícola como o único meio de avanço e evolução do meio rural:

A modernização é um valor dos sociólogos rurais e não necessariamente das populações rurais, porque, de fato, para estas não raro ela tem representado desemprego, desenraizamento, desagregação da família e da comunidade, dor e sofrimento (Martins, 2000).

O desencontro da Sociologia Rural com a população rural foi, além de impor a inovação tecnológica, considerar sua cultura e características como algo negativo e que os condenaria à estagnação ou desaparecimento. Não por aquilo que as populações rurais eram e sim pelo que os sociólogos queriam que fossem (Martins, 2000).

A evolução da tecnologia melhora as condições de trabalho e a produtividade. Priore e Venâncio (2006) comentam que são surpreendentes fazendas com máquinas “inteligentes”. A tecnologia avançada de plantio e o clima favorável tornam a agricultura brasileira uma das mais competitivas do mundo (Inohara, 2011).

A tecnologia não se restringe apenas às técnicas utilizadas no plantio e criação. Também para a integração de produtores e venda dos produtos, como destaca uma reportagem de um jornal virtual, que relata o sucesso de uma Cooperativa Virtual de agricultores familiares. A utilização Cooperativa virtual traz bons resultados a agricultores familiares (AGROSOFT, 2012).

A moderna agricultura trouxe alguns pontos que podem ser considerados negativos. A modernização não buscou a melhoria das condições de vida das populações do Brasil. Priore e Venâncio pontuam que a alta tecnologia do maquinário agrícola exige mão-de-obra qualificada ao mesmo tempo em que extingue inúmeras vagas de trabalho:

O setor agrícola brasileiro diminuiu em 21% a necessidade de trabalhadores [...] nas cidades brasileiras, vivencia-se um quadro de estagnação econômica que se arrasta por duas décadas. Desta forma restam poucas alternativas às famílias dos trabalhadores rurais brasileiros, a não ser buscar um pedaço de terra para o próprio sustento. (Priore e Venâncio, 2006).

Essa produção em larga escala expulsa pela força ou pressiona os camponeses e agroextrativistas a vender suas posses, valendo-se da depressão dos preços dos produtos tradicionais e da falta de serviços públicos no campo (FASE, 2008).

Todas as técnicas são indiscutivelmente benéficas ao trabalhador do campo mas, a forma como sua entrada é feita pode ser rejeitada não render bons resultados. A tecnologia que fica fora da porteira dos produtores dificulta a melhoria da produção e a produtividade, diminui sua competitividade no comércio, conseqüentemente, os impede de crescer e ascender social e financeiramente. Caporal e Costabeber (2004) fazem um apanhado da história da extensão rural e apontam com o modelo de trabalho que tinha objetivo de modernizar a agricultura degradou o meio ambiente e excluiu os agricultores de menor poder, não surtindo os efeitos desejados. Isso cavou um abismo entre os agricultores que tiveram condições de se adaptar (instrução, conhecimentos, terra e capital) e outros que ficaram excluídos:

A maioria das culturas de exportação é herdeira do latifúndio. Assim, a grande exploração é encarada como um “fenômeno” natural, como só se pudesse produzir em grandes propriedades. O maquinário, o sistema de apoio à produção (crédito, armazéns, vias de comunicação, etc.) o tecido urbano interiorano são estruturados em função disso (FASE, 2008).

Mauricio Lopes (2013), presidente da EMBRAPA, também relata esta problemática:

Muitos prefeitos procuram a Embrapa, imaginando que um centro de pesquisas em seu município resolverá o problema. O diagnóstico é incorreto. Não falta tecnologia. O que falta são condições de usar de forma eficiente as tecnologias já existentes de maneira a superar as limitações do mercado (Lopes, 2013).

Extensão rural é um processo de educação extra-escolar, ou, não formal. Seu objetivo é contribuir para a elevação de qualidade de vida das famílias rurais e por via de consequência, para o bem-estar de toda a sociedade (Olinger, 2010). A problemática não se constituía somente neste ponto, mas também, o modo como a extensão acontecia, de modo puramente de implantação de pacotes tecnológicos. Visto isso, em 2004, a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural passa a instruir sobre mudanças que devem ocorrer na metodologia de trabalho, passando a desenvolver um caráter de modernização daquilo já existente numa região de acordo com sua realidade e capacidade, deixando o modo tradicional de trabalho.

Ainda no âmbito da gestão pública, a questão da terra vem sendo debatida amplamente e tratada aos poucos (aos trancos e barrancos), por motivos políticos, estratégicos ou quaisquer outros, citado por Priore e Venâncio:

A reforma agrária como pode perceber, tem implicações jurídicas complexas, sendo também influenciada pela revolução técnico-científica da agropecuária brasileira. Do ponto de vista estritamente agrícola, tal fenômeno foi caracterizado como Revolução Verde. Trata-se de disseminação de novas práticas, permitindo um vasto aumento na produção (Priore e Venâncio, 2006).

Mas, além de tratar da terra, é necessário tratar da tecnologia. Apenas dar o instrumento de trabalho e não ensinar como usá-lo é condená-lo a exclusão do mercado, como já comentado antes.

Os problemas do campo eram resolvidos como meramente uma questão técnica. Priore e Venâncio comentaram que isso incidiu nos movimentos sociais, o que prova o descaso, e o esforço da renovação técnico-científica, revelando a necessidade do avanço da tecnologia. Os autores lembram que, durante o governo militar, foi quando o governo entrou na questão, multiplicando agências governamentais de extensão e tecnologia agrícola: EMATER e EMBRAPA, por exemplo:

A agência anunciada [EMBRAPA] pelo governo federal tem o desafio de emular a multiplicação de equipes de assistência técnica em todas as comunidades agrícolas, preparadas para ajudar os produtores a lidar com os problemas crônicos de administração da propriedade, de gestão da evolução tecnológica e de práticas de associativismo, em busca de escala de produção necessária para superar as imperfeições de mercado (Lopes, 2013).

Clovis Rossi (2006) trata de um problema que foi a transformação dos programas de distribuição de renda, como os “Bolsa-alguma coisa” em formas de fidelizar os votos e deixando alguns totalmente dependentes e não têm grandes efeitos as tentativas de torná-los autossuficientes, deixando de se caracterizar como uma medida emergencial e temporária. No

Neocoronelismo, saem as dentaduras, entra o dinheiro e aumenta a escala. Mas o modelo é essencialmente o mesmo: a doação a quem não tem condições nem oportunidades para obter uma renda minimamente decente (Rossi, 2006).

Um problema conhecido e recorrente é o chamado Atravessador, que sempre compra pelo menor preço possível, penalizando o produtor pobre, e revende com preço elevado no mercado:

Quase não há mais contato entre o produtor e o consumidor. Hipermercados ditam regras para seus fornecedores. Os produtos agrícolas chegam ao consumidor final industrializados. A dieta alimentar não tem mais a ver com as produções locais e de estação. Isso não é forçosamente sinal de diversificação, mas de empobrecimento da dieta alimentar, comandada pelo mercado (FASE, 2008).

No entanto, o fortalecimento dos mercados locais e regionais contra o mercado mundial neoliberal. Um novo modelo de consumidor que, surgiu na Europa e há pouco tempo no Brasil, que pode ter parecido moda, mas, já abocanha boa parte do mercado, é aquele que se preocupa com além da qualidade de vida e do produto que adquire, mas também com sua origem. Isto já fortalece produtores e regiões:

Por outro lado, observa-se também a ampliação e o fortalecimento de uma crítica a esse modelo, protagonizada por camponeses, consumidores preocupados em adquirir produtos limpos e movimentos de resistência à globalização capitalista, que defendem uma agricultura camponesa que respeite o meio ambiente, observe os direitos humanos e promova a saúde, bem como a alteração nas relações de poder entre países (FASE, 2008).

A geração de tecnologias, muitas vezes promovidas pelo Estado através das suas instituições de ensino e pesquisa, fica fora do alcance dos de menor poder aquisitivo, não tendo aplicação prática e real sendo meramente um trabalho para publicação e engrandecimento de egos. Como Florestan Fernandes comenta:

A única revolução, que poderia gerar o ambiente externo e o clima de valores requeridos pela ciência, é a que poderia resultar do socialismo igualitário e democrático. Esse socialismo continua a ser uma forte esperança, mas não surgiu até hoje em nenhuma parte do mundo. É provável que se constitua, pois sem ele a chamada “civilização ocidental” – e com ela a ciência e a tecnologia produzidas pela ciência – estará condenada a uma evolução perversa e ao colapso. Todavia, enquanto o que se chamou de socialismo científico não se converter em realidade histórica, a “revolução através da e pela ciência” será o que tem sido: um “progresso material” desarticulado de qualquer “progresso social”, pelo qual uma tecnocracia despótica subjugará a ciência, negando-a como fonte de racionalização dos controles do homem sobre a natureza, a sociedade e a cultura, ou degradando-a como fonte de liberação do horizonte intelectual do homem (Fernandes, 1975).

Segundo Priore e Venâncio (2006) encontrar uma solução ou alternativa para os problemas agrários são desafios para as novas gerações. Para Everett Rogers, criador do modelo clássico para os princípios teóricos, é possível obter êxitos sempre levando os

problemas e soluções a passarem pelos níveis de um ciclo que englobe: Centros de Pesquisas, Extensão Rural e População.

Um estudo de caso realizado por Ramos (2007) mostra a organização de pequenos produtores para a troca de experiências e testes de novas práticas com o apoio da Articulação do Semi-árido Paraibano (ASA). Nesta análise, fica clara a abertura dos trabalhadores ao novo e a busca pelo sucesso e integração.

Em 2012, mais de 500 mil produtores foram atendidos pelo Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária (PRONATER) (AGROSOFT, 2013). Outras formas de assistir com mais eficiência os agricultores familiares que já são amplamente utilizadas são as Cooperativas, Associações, Produções Orgânicas. Dentro dessas unidades, existe uma aproximação dos produtores entre si e com os técnicos. Isso mostra a abertura que têm, de ambos os lados, para com a pequena produção. Numa Cooperativa, as pessoas se unem pela ajuda mútua, buscando ganhos compartilhados (Turra et.al, 2002).

3 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada do dia 11 à 24 de Julho do corrente ano, nas cidades de Areia, Alagoa Grande, Alagoinha, Areial e Lagoa Seca. Foram realizadas entrevistas com o áudio gravado com profissionais da Extensão e Pesquisa Rural como Técnicos-Agrícola, Agrônomos, Zootecnistas e Assistente Social, de EMATERs, da EMEPA e da ONG AGEMTE/ATES.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.

Foram realizadas 11 entrevistas através de um roteiro com perguntas simples e diretas, disponíveis em anexo, para abrir o debate e permitir que os fatos e opiniões fossem relatados livremente. O material coletado nas entrevistas foi transcrito para ser utilizado em forma de citações no decorrer deste trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção de uma relação na qual se tenha confiança, credibilidade, liberdade e que seja firme é um processo lento e gradativo que passa por vários níveis de reconhecimento, adaptabilidade e teste até que tenha sua consolidação. Trata-se de um conjunto de ações rotineiras e inovadoras para a criação de vínculos e superação de expectativas, respectivamente. O agricultor quer saber até onde o assistente técnico pode ir, começando a testar seus conhecimentos básicos, fazendo questionamentos sobre coisas simples e básicas.

Eles testam pra ver ate aonde vai, ate onde sabe, como lidar com essa situação, então, a gente é avaliado a cada segundo (Maria Veralúcia. Assistente Social e Diretora Pedagógica da ONG AGEMTE-Alagoa Grande).¹

Mesmo com metodologia apontada ou direcionada de manuais de extensão e a própria PNATER para o estabelecimento das relações, como o processo é tratado e desenvolvido é o fator determinante para o tipo ou qualidade de interações que irão ser cultivadas. Trata-se de um processo complexo, onde a palavra-chave citada pelos entrevistados é “Diálogo”, sendo a ferramenta mais amplamente utilizada e eficiente para a construção e sustentação de boas interações sociais.

Um projeto ou plano a ser implantado, precisa ser construído de modo que possibilite sua modificação e/ou adaptação em sua implantação e durante sua execução. Cada produtor possui suas limitações, seja financeira, mão-de-obra, tempo e de qualquer outra natureza. Fato que leva ao tratamento individual. Conhecer as necessidades e limitações do agricultor é fundamental para o sucesso num trabalho. Considerando as características individuais, humanas e técnicas, é possível melhor moldar um projeto.

A extensão é feita sob o modelo de visitas agendadas, seja semanalmente ou em dias de reuniões de assentamentos, associações ou cooperativas. Essa metodologia cria uma rotina, o que leva a um item muito apontado, o convívio, que foi classificado como ferramenta fundamental para o estabelecimento de uma relação agradável e de confiança. As ligações não são feitas somente por esta via. Além das visitas regulares, é de prática comum e diária, que

¹ Para ressaltar o caráter de material inédito, as falas transcritas das entrevistas estão dispostas em negrito.

os escritórios de EMATER, EMEPA, ONGs, sejam visitados por agricultores para consultas para sanar problemas, esclarecer dúvidas ou até mesmo para uma conversa amigável. **“É dez vezes melhor pra o técnico estar no campo do que estar aqui dentro” (Eduardo Silveira. Técnico Agrícola e Zootecnista da EMATER-Areia).** A parte do trabalho chamada de “burocrática” força o extensionista ficar muito tempo no escritório redigindo relatórios e preparando documentos. As visitas às propriedades são fundamentais para a criação de vínculos.

Os contatos fora do calendário programático sejam em visitas individuais solicitadas ou a ida dos produtores aos escritórios, além de fortalecer os elos das relações, atendem as necessidades individuais. **“A EMATER é casa do agricultor, ele tem como referência aqui. As portas são abertas, tem toda uma estrutura pra ele aqui” (Maurício Marcílio. Zootecnista e Agrônomo da EMATER-Areia).**

Frase repetida por todos os colaboradores desta pesquisa, *“Não obriga ninguém a nada”*, é quesito precursor na comunicação antes e durante um trabalho. .

A gente não os obriga a fazer (Christiane Batista. Zootecnista da ONG AGEMTE-Alagoa Grande).

Na realidade nós não impomos nada. A dinâmica hoje é a conversa, é a demonstração de resultados, de levar alguma tecnologia. Até por que gente respeita também a tradição deles (Marcílio Maurício).

Existe todo um trabalho, uma logística de se fazer com que o pacote tecnológico seja aceito pelos produtores. E se eles não tiverem receptividade, não for aceito, de nada adianta (Rubens Fernandes. Agrônomo e Chefe da EMEPA-Alagoinha).

As ferramentas e estratégias de mostrar que o que está sendo proposto é o melhor possível são as vias de convencimento para que se faça entender o oferecido.

A grande maioria tem suas orientações técnicas acatadas pelos produtores. **“Eles têm uma confiança muito grande no que a gente fala numa orientação e é evidente que muitas vezes eles acatam” (Maurício Marcílio).** Mesmo quando há uma resistência, ou mesmo desconfiança do novo trabalho a ser realizado, os testes realizados em pequena escala e relatos de exemplos fazem o agricultor confiar na atividade que está sendo proposta

O produtor gosta e quer ver resultados já que se está com pessoal capacitado para exercer a atividade no campo, esperam-se sempre resultados positivos de imediato. **“Se você levar resultados concretos, você consegue ganhar confiança mais rápido” (Manacés Pereira. Técnico Agrícola e Projetista da ONG AGEMTE-Alagoa Grande).** Ficou claro

que resultados positivos flexibilizam e aceleram o processo de construção de relação de confiança.

A formação acadêmica, ou seja, o conhecimento técnico é ponto fundamental para obter resultados positivos, mas, apontado por vários entrevistados, este ponto tem seu valor até certo limite, pois, a formação tecnicista por muitas vezes deixa de aproximar os estudantes da realidade das condições no campo, ensinando meramente um pacote de técnicas de produção. Tratando da formação do profissional José Silveira Filho comenta:

Para ela o que importa mesmo é o treinamento puramente técnico, a padronização dos conteúdos, a transmissão de uma bem comportada sabedoria de resultados e o cumprimento de metas e modelos estabelecidos do mercado (Silveira Filho).

A própria academia às vezes nos direciona de uma forma mais linear e as coisas não acontecem de forma linear (Maria Veralúcia)

Hoje se mantém uma fábrica de técnicos de computadores, achando que o computador resolve tudo. Ele facilita muito, mas resolver, não (Rubens Fernandes).

O tempo de atuação na área dos entrevistados varia entre 1,5 até 26 anos. O que aparenta ter maior importância, tanto quanto a formação acadêmica, seja o profissional técnico, graduando, mestre ou doutor, é a experiência do convívio com as atividades agropecuárias e humanas. Esta bagagem de vivência fomenta suas habilidades de comunicação e relacionamento, bem como suas capacidades técnicas. O que foi relatado por todos, que muito conhecimento é adquirido através do convívio com o trabalho no campo por lidar com variáveis, humanas e da natureza, que podem não ter sido apresentadas na sua formação, contribuindo para ampliação e aprimoramento de suas habilidades.

Através do que foi relatado, os técnicos sentem-se bem recebidos em grande maioria dos contatos com os produtores. Não somente quando em visitas agendadas aos produtores, mas também quando estes os procuram em seus escritórios. Os depoimentos revelaram uma satisfação em relação a esse quesito, muitas vezes apontando como uma relação de parceria, amizade e até familiar. **“O diálogo é como de um amigo, como um companheiro” (João Ramalho. Técnico Agrícola da EMATER-Areial).** Isso demonstra a receptividade dos trabalhadores rurais para com os assistentes técnicos, quebrando uma ideia de que há uma resistência por parte do homem do campo em ter ajuda e pessoas especializadas em sua propriedade, como colocados pelos entrevistados, a procura por auxílio demonstra a nova realidade da agricultura familiar, que busca melhorias das condições de trabalho, qualidade dos seus produtos, troca de experiências com outros produtores e comercialização.

A confiança plena é algo alcançado com a soma de fatores como, educação e respeito, resultados positivos na agropecuária, regularidade, honra dos compromissos e muitos outros. Há uma pequena parcela dos assistidos que tem um posicionamento retraído ou desconfiado. Não há total abertura, aceitação ou excelente relacionamento, mas, frente aos sucessos alcançados, é praticamente irrisório. Alguns relacionamentos foram classificados como de amizade ou familiar, demonstrando profunda afinidade em alguns casos.

Os momentos adversos são menores que as vezes que a gente tem sucesso ou que o diálogo flui com mais precisão (Maria Veralúcia).

Ficamos satisfeitos, por que a gente é pago pra isso e dentro dessa procura quando a gente vê que está servindo, a gente fica satisfeito também (Rômulo Pontes. Zootecnista da EMATER-Alagoinha).

A gente tem uma relação muito boa aqui, e até por que eu tenho aqui mais de 25 anos. Então é como se fosse da família (João Ramalho).

A forma mais comum de assistir os produtores é inclui-los em programas que atendam uma região, assentamento ou grupo social. Isso promove uma interação entre os agricultores para a troca de experiências e convívio da comunidade. Ainda por meio de reuni-los em cooperativas e associações. **“A palavra-chave hoje dentro de um centro de pesquisa é Parceria” (Rubens Fernandes).**

A demanda por assistência técnica rural é grande nesta região. É pontuado por todos que há uma necessidade de ampliar a Extensão Rural com mais pessoal e estrutura.

A demanda de trabalho que é muito grande, a gente não consegue chegar a 100% dos assentamentos, seria perfeito se a gente chegasse (Maria do Perpétuo. Agrônoma da ONG AGEMTE-Alagoa Grande).

A comunicação é muito boa apesar dessa dificuldade de não poder estar sempre presente por que são muitas comunidades pra gente atender, são muitos programas mas a gente sempre tenta (Maurício Marcílio).

A comunicação é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social (Bordenave, 1986). A solicitação não é apenas para questões técnicas, os profissionais atuam na área social: **“Nem sempre a demanda é só de campo, às vezes eles querem a gente pra uma conversa como amigos” (Christiane Batista).**

O agricultor compreende que a assistência técnica é fundamental para o sucesso do seu trabalho, corroborando isso, a procura pela Extensão mesmo fora dos dias de visitas programadas a sua propriedade.

Ele entende a importância da assistência técnica (Antônio Gomes. Agrônomo da ONG AGEMTE-Alagoa Grande).

Tem até deles que gostam de fazer uma espécie de testemunha (João Ramalho).

Eles gostam quando a gente realmente vai lá, que vai olhar os animais, a produção, mostrar o trabalho deles (Christiane Batista).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi verificado que há um bom relacionamento entre os assistentes técnicos e os pequenos produtores. Mesmo existindo algumas poucas relações que não apresentam tanta flexibilidade, não chegando a serem considerados conflituosos, os profissionais relatam uma interação amigável.

O “Diálogo”, palavra-chave citada por todos os entrevistados, esta é a maior e mais utilizada ferramenta para a manutenção dos trabalhos no campo. Certamente é o método mais eficiente. O que não significa que seja de fácil manipulação. Revelando, então, os atributos mais importantes de um Extensionista: Experiência e Convívio.

A experiência é fator determinante para o sucesso em trabalhos no campo além de fornecer aporte de conhecimentos técnicos e humanos. O convívio é o meio de adaptação dos trabalhadores rurais com os assistentes técnicos, cria vínculos através da rotina de contatos.

Os agricultores querem resultados. Evidentemente, a formação acadêmica é peça fundamental na agropecuária. Mas, a forma de ensino linear não é suficiente para que o profissional seja preparado para lidar com as variáveis do campo e humanas.

REFERÊNCIAS

AGROSOFT. Disponível em <www.agrosoft.org.br/agropag/221571.htm> Publicado em: Publicado em 06/05/2012 Sem data de acesso.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa. **Redescobrimdo a família rural**. 1986. Disponível em <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_01/rbcs01_06.htm> Sem data de acesso.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo. 8ª edição. 1986. Editora Brasiliense S.A.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia e extensão rural. Contribuições para a promoção de desenvolvimento rural sustentável**. Rio Grande do Sul. 2004.

FASE, GRUPO DE TRABALHO MONOCULTIVOS DA ONG. **Agronegócios e Monoculturas**. Le Monde Diplomatique Brasil. São Paulo, nº 6, jan., 2008.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América latina**. Rio de Janeiro. 2ª edição. 1975. Editora Zahar Editores.

FILHO, José Silveira. **A sociologia rural e a formação em ciências agronômica**. Disponível em <www.agronomiacassilandia.uems.br/admin/arquivos/Texto%2012.03.doc> Sem data de acesso.

INOHARA, André. **Eficiência do setor agrícola é afetada por infraestrutura antiga e falta de políticas de escoamento de produção**. Disponível em <www.amcham.com> . Sem data de acesso.

LOPES, Mauricio. **O resgate da pequena produção**. Disponível em <ww1.folha.uol.com.br/opniao/2013/07/1308365-mauricio-lobes-o-resgate-da-pequena-producao.shtml>Sem data de acesso.

MARTINS, José de Sousa. **O futuro da sociologia rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural**. Revista Estudos Sociedade e Agricultura. UFRRJ /CPDA. nº 15, 2000.

OLINGER, Glauco. **Extensão Rural – definição, filosofia e princípios**. Disponível em <<http://www.microbacias.sc.gov.br/visualizarNoticia.do?entity.noticiaPK.cdNoticia=4976>> Publicado em 27/10/2010. Sem data de acesso.

PRIORE, Mary Del. VENANCIO, Renato. **Uma historia da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro. Capitulo 12, Ediouro. 2006

RAMOS, Nerize Laurentino. **O “protagonismo do agricultor familiar”**: conflitos e potencialidades.

ROSSI, Clovis. **O neocoronelismo**. Disponível em <arquivoetc.blogspot.com.br/2006/clovis-rossi-o-neocoronelismo>

TURRA, Fabianne Ratzke; SANTOS, Flávio Eduardo de Gouvêa; COLTURATO, Luiz Carlos. **Associações e cooperativas**. 2002. Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo. Brasília.

ANEXO A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIENCIAS AGRARIAS
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS FUNDAMENTAIS E SOCIAIS
TRABALHO DE CONCUSÃO DE CURSO
ROTEIRO DE ENTREVISTA**

1. Sente dificuldade de comunicação
2. Fica satisfeito com a relação
3. Sente-se bem recebido
4. É acatado tecnicamente
5. Muda de estratégia de comunicação
6. É mais solicitado ou tem que ir ao produtor
7. Que ferramentas usa para o convencimento